

Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX

*Eliane Moura da Silva**

RESUMO

Este artigo analisa as relações entre gênero, religião e trabalho missionário de mulheres solteiras entre o final do século XIX e inícios do XX. Destacando a figura da missionária metodista norte-americana Martha Hite Watts, que viveu no Brasil entre 1881 e 1908, explora as relações entre evangelicalismo, emancipação feminina, identidades, alteridades e papéis sociais de gênero, alteridades como representações históricas e culturais de movimentos de mulheres em suas tensas relações com a religião em suas vertentes conservadoras e fundamentalistas.

Palavras-chave: Gênero “ Religião “ Trabalho missionário norte-americano.

Gender, religion, missionary work and North-American Protestant identity in Brazil by the end of the 19th century and beginning of the 20th

ABSTRACT

This article analyzes the relations between gender, religion, and missionary work of single women from the end of the 19th century and beginning of the 20th. Highlighting the character of the North-American Methodist missionary Martha Hite Watts,

who lived in Brazil between 1881 and 1908, it explores the relations between evangelicalism, women emancipation, identities, alterities, and social roles of gender, alterities as historical and cultural representations of women's movements in their tense relations with religion in its conservative and fundamentalist aspects.

Keywords: Gender “ Religion “ North-American Missionary Work.

Género, religión, misionarismo y identidad protestante norteamericana en Brasil en el final del siglo XIX y comienzo del XX

RESUMEN

Este artículo analiza las relaciones entre género, religión y trabajo misionero de mujeres solteras entre el final del siglo XIX y comienzo del XX. Destacando la figura de la misionera metodista norteamericana Martha Hite Watts, que ha vivido en Brasil entre 1881 y 1908, explora las relaciones entre evangelicalismo, emancipación femenina, identidades, alteridades y papeles sociales de género, alteridades como representaciones históricas y culturales de movimientos de mujeres en sus tensas relaciones con la religión en sus vertientes conservadoras y fundamentalistas.

Palabras clave: Género “ Religión “ Trabajo misionero norteamericano.

Introdução

Após a Guerra Civil Americana (1860-1865), toda uma geração de mulheres sentiu-se encorajada a participar e ampliar seus limites de inserção neste horizonte religioso, repensando a experiência nacional. O feminismo e a luta pelos direitos das mulheres dentro das Igrejas e na sociedade civil nasceram ao mesmo tempo e como parte de um mesmo movimento histórico. Em 1840, o envolvimento

* Doutora em História e professora da Universidade Estadual de Campinas, no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

das mulheres americanas no abolicionismo favoreceu a consciência dos limites sociais e da condição injusta das mulheres na sociedade. Na seqüência do Segundo Despertar (1800-1830), muitas associações evangélicas voluntárias apoiadas em grupos locais femininos tornaram-se essenciais.

Na luta das mulheres para alcançar a educação, profissionalização, empregos e direitos legais nos EUA, as igrejas cristãs tiveram um papel ambivalente. Os homens eram o maior obstáculo para que elas pudessem ampliar sua participação pública e ocupar cargos de liderança. O silêncio das mulheres pregado por Paulo era entendido pelos homens não somente com relação ao púlpito, mas em todo e qualquer lugar da sociedade. O papel predominante dos homens na família, sociedade e Igreja era um mandato divino, uma ordem da criação.

Ainda durante a segunda metade do século XIX, os movimentos de direitos das mulheres, de educação e emancipação femininas encontraram considerável resistência. O lugar da mulher era em casa e a família, exaltada. Pastores, ministros religiosos, moralistas, escritores, conferencistas, médicos, em suma, todos os que se preocupavam com os papéis sociais, atribuíam aos homens e mulheres diferentes lugares, de acordo com atributos naturais e que conferiam a cada sexo um campo apropriado de atuação e desenvolvimento, incluindo o próprio trabalho manual.

Contudo, algumas mudanças importantes estavam acontecendo e a vida religiosa passou a ser também centro da vida comunitária. Os encontros campais congregavam homens, mulheres e crianças. As mulheres, particularmente, dirigiam-se a estes encontros comunitários, um lugar fora de suas casas onde podiam se reunir, expressar suas esperanças e medos, rezar e cantar.

As igrejas na segunda metade do século XIX começaram a transformar-se em lugares onde as mulheres passaram a exercer papéis autônomos e de liderança além dos limites familiares: organizavam campanhas de levantamento de fundos para escolas, igrejas, hospitais etc. A partir dessas experiências de liderança elas passaram a trabalhar com as organizações de sociedades de mulheres missionárias e movimentos de reforma social (temperança, contra o trabalho infantil e a prostituição,

reforma prisional, educação em geral, sufrágio universal). Desta forma, muitas mulheres adquiriram treinamento e experiência em assuntos administrativos, políticos e na pregação religiosa.

Pode-se inclusive pensar que a crença na infusão de poder sentida pelos convertidos à nova fé fosse especialmente forte nos setores mais desfavorecidos da sociedade: mulheres, afro-americanos, americanos pobres e desenraizados. As mulheres eram o grupo mais numeroso destas primeiras igrejas evangélicas e as mais zelosas participantes dos reavivamentos evangélicos durante o século XIX.

O lar, a igreja e os encontros campais formam a trilogia dessa cultura evangélica: atitudes religiosas domésticas de leitura bíblica e orações diárias; a pequena igreja e sua comunidade de fiéis em torno de um pastor e seus sermões doutrinários e sobre regras de conduta moral; os encontros de reavivamento celebrando numa escala mais ampla os valores centrados no lar e na igreja e permitindo um contato mais amplo entre pessoas de diferentes locais; tais elementos compunham o conjunto da cultura evangélica, com forte inserção e participação de mulheres de diferentes níveis sociais e culturais.

A fé religiosa expressa em discursos, artigos, livros, correspondências apareceu como fator essencial, senão o fundamental, da vida pública e privada dessas mulheres, que se consideravam, em vários momentos, marginais à própria sociedade em que viviam. A identidade religiosa foi a base de seu trabalho. Reformar o mundo era uma missão tanto na prática religiosa como na teologia.

Outro campo de atuação bastante importante foi o trabalho missionário feminino nas diferentes Igrejas da segunda metade do século XIX em diante.

As missionárias

WHAT THE BOARD IS DOING FOR WOMEN. [...]. Yet the actual presence of a Christian woman, whether as the wife of a missionary or as a teacher, the respect that is paid her, the capabilities she exhibits, are silent but effective witness for the truth. And the time comes in the history of missions for free access to the women and special labors in their behalf. The first step in this direc-

tion is the instruction of girls and women in schools, and especially in boarding-schools. The influence of Misses Fisk and Rice in the female seminary at Orromiah, Persia, and Miss Agnew and others at Oodooville, Ceylon, can hardly be overestimated. These institutions, and others like them, now to be found in most of our missions, have enjoyed signal blessings of Holy Spirit. [...] The large part of them, as wives, mothers and teachers, are doing a work of incalculable value for the social and moral elevation of their sex among their own people. Thoroughly acquainted with the peculiarities, habits and sympathies of the people, their minds cultivated, their social tastes elevated, their knowledge of all that belongs to a well-ordered home, not simply enlarged but rather created, filled with the love of Christ, and burning to show their love to him by efforts to raise their degraded countrywomen, they are in many ways fitted to do a work which no American woman, however devoted and self-sacrificing, could hope to accomplish (The Missionary Herald, 1867).

Sociedades missionárias protestantes foram fundadas em vários períodos do século XIX. Era comum a chegada de um casal ou pequeno grupo de missionários nos distantes lugares de colonização (Índia ou África) ou terras distantes pagãs ou católicas (Brasil e América Latina em geral), para iniciar um trabalho de vanguarda de estabelecimento de um posto missionário avançado e, em seguida, partir para os territórios ainda desocupados. Depois de 1870, novas sociedades missionárias foram organizadas com o objetivo de tornar mais eficiente e estruturada a atividade de expansão. Embora o movimento missionário até este período tenha sido masculino, mesmo levando-se em conta que os missionários eram casados e suas esposas estavam igualmente envolvidas no trabalho de evangelização, o projeto missionário como um todo foi controlado pelos homens até o momento em que o recrutamento de mulheres como missionárias independentes começou por alterar este paradigma de gênero.

As Sociedades Missionárias Femininas foram incrementadas na segunda metade do século XIX. Nessa época, a mulher missionária começou a se tornar um alvo de grande interesse nas Igrejas para ocupar diferentes posições e trabalhos:

The Woman's Home Mission Society [...] is to provide for all the needs of women, temporal, moral and physical. "Women's work for women." [...] because nowhere upon earth is woman, upon whom in all lands falls the heaviest burdens of degradation, a greater sufferer from heathenish superstition, idolatrous rites and domestic immorality, than within our own territory (HELM; ALLEN, 1894, p. 2).

Estava muito clara para as sociedades missionárias a falta de preparo intelectual da maioria das mulheres e a necessidade de formação profissional para todas aquelas que partiam para as missões evangelizadoras¹.

Após a Guerra de Secessão, a participação das mulheres no trabalho missionário foi profissionalizada, mudando seu papel/aspiração dentro da grande maioria das Igrejas.

The women of the churches, notably those of the missionary society of the Methodist Church South, have led the men far and away in this direction. Their social settlements, bureaus for receiving and guiding immigrants, agencies for the prevention of vice and rescue of its victims, protest and propaganda against child labor, give their work the credit of being among the most advanced efforts put forth by the churches in any part of the country to lead or support movements for social progress (HELM; ALLEN, 1894, p. 2).

Foi dentro deste contexto histórico que Martha Watts nasceu e foi criada, vindo para o Brasil como

¹ Em 1887, a *Home Mission Society* da *Methodist Episcopal Church, South*, começa o projeto de educação das missionárias. Em 1892, o prédio da escola estava pronto e o curso, com duração de dois anos, era o seguinte: "I - *The English Bible, book by book*; II - *Evidences of Christianity and Doctrines*; III - *History of the Christian Church, including the History of Missions*; IV - *Nurse Training and Elementary Medicine, eighteen medical lectures*; V - *Industrial: Lessons in Domestic Economy, daily practice housework*; VI - *City Mission Work: House to House Visiting, Conduct of Religious Meetings, Sewing School*; VII - *General Instructions: Methods of Christian Work. Temperance Viewed from the Standpoint of Science and Morals. Bookkeeping. Instrumental and Vocal Music.*" (In: GIBSON; HASKIN, 1928, p. 23-).

missionária metodista em 1881. Era grande o interesse da *Methodist Episcopal Church, South*, no Brasil:

Thus, two southern conferences and The Woman's Missionary Society decided to support missionaries to Brazil and, in 1881, the missionaries James Koger and family, James L. Kennedy and Martha Hite Watts, after hearing Annie's story, volunteered to go to Brazil. Watt's specific mission was to re-start the school at Piracicaba, which she did with the financial support of the Woman's Missionary Society and the local help of the Barros Brother's (DAWSEY, 1995, p. 162-172).

O começo no Brasil

Quando chegou ao Brasil, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro, em maio de 1881, a primeira coisa que chamou a atenção da missionária metodista Martha Hite Watts, de 36 anos, foi “*a painful existence of hundreds of homeless, friendless children that lived, ate, slept and died in the streets, ignorant of everything except vice and misery*” (WATTS, 2001a, p. 165-167)². Desta forma procurava chamar a atenção das mulheres da *Southern Methodist Church and the Woman's Missionary Society* para estas crianças, apelando para os instintos maternos naturais em todas as mulheres afinal, “[...] *all true women were born with the mother instinct and a Christian woman, more than that, should be worried about all the loved and lost saying 'My child is safe. Let this money go to help save some other woman's child'*” (WATTS, 2001b, p. 198). Durante o tempo em que viveu e trabalhou no Brasil, em suas cartas ou artigos enviados ao *Christian Advocate* ou para a *Woman's Missionary Society*, seu lema era “*with love to every woman who is working for woman, and for every one who calls my Father hers [...]*” (WATTS, 2001c, p. 231-232).

Martha Hite Watts nasceu em Bradstown, Kentucky, em 13 de fevereiro de 1845. Seu pai era advogado e sua mãe, dona de casa. Ainda jovem mudou-se para Louisville onde se formou profes-

sora e freqüentou a Igreja Metodista da Broadway. Perdeu o noivo durante a Guerra de Secessão e permaneceu solteira. Como missionária e educadora ela criou várias instituições educativas no Brasil: Colégio Piracicabano – 1881; Colégio Americano – 1895; Colégio Mineiro – 1902; Colégio Izabella Hendrix – 1904.

A missionária Martha Watts foi enviada ao Brasil com a finalidade de expandir a área educacional que, conforme decidido desde o início, deveria ser de abrangência das mulheres missionárias. Estes projetos ficaram sob a responsabilidade financeira da *Woman's Missionary Society*. Em 1888, Martha Watts, juntamente com Mary W. Bruce, Mattie B Jones e Ella W. Granbery, todas missionárias e educadoras em colégios metodistas no Brasil, eram as representantes do *Woman's Board of Missions* no Brasil.

Durante todo esse período, o Brasil passou por grandes mudanças sociais, políticas e culturais. A escravidão foi oficialmente abolida em 1888 e, em 1889, o Império foi substituído pela República Federativa do Brasil. Aliás, Martha Watts, assim que chegou ao Brasil, comprou e alforriou a escrava Flora Blumer de Toledo, que se transformou em funcionária da escola até 1892, quando faleceu. Durante o período em que trabalhou na escola, Flora aprendeu inglês e viajou aos Estados Unidos com o pastor americano da Igreja Metodista de Piracicaba, o reverendo William Koger.

Desde sua chegada ao Brasil, Martha Watts encontrou um forte apoio em setores de uma nova elite republicana que alcançaria o poder logo após a proclamação da República. Esse grupo era formado por liberais e muitos maçons que viam no horizonte possibilidades de transformação social e cultural pela expansão da educação em moldes diversos daqueles praticados pelos estabelecimentos católicos³. O catolicismo fora a religião oficial do Império, e os futuros republicanos almejavam inovações e, sobretudo, um rompimento com todas as instituições católicas que eram vistas como retrógradas, reacionárias e imperiais. O principal

² Esta publicação encontra-se em Mesquita (2001, p. 165-167), cuja editora pertence à Universidade Metodista de Piracicaba, que é a extensão universitária do Colégio Piracicabano, fundado por Martha Watts em 1881.

³ Por toda a América Latina, essa associação entre liberais, maçons e protestantes foi constante (Ver BASTIAN, 1990; GUEIROS, 1990).

patrono dos protestantes em geral, e das educadoras americanas em Piracicaba, foi Prudente José de Moraes Barros (1841-1902), republicano, um dos fundadores, em 1876, da Loja Maçônica de Piracicaba, e, sucessivamente, vice-presidente e primeiro presidente civil eleito da República brasileira em 1894. Vários membros da família Moraes Barros, inclusive filhas e filhos, foram os primeiros alunos do recém-criado Colégio Piracicabano.

A Proclamação da República e, sobretudo, a liberdade religiosa com o fim do catolicismo como religião oficial do Estado e a completa separação entre Religião e Estado foram comentados por Martha em carta datada de abril de 1890. Nessa correspondência, apontando os avanços que o Brasil teria após a República, procurava mostrar que este seria o grande momento para a expansão das atividades missionárias:

Brazil is advancing to the front, and we must go forward with her, carrying the religion of the gospel, for the leaders [...]. Since January, 7 – day of prayer for the nations – all men are free to worship God according to the dictates of their own consciences in bigoted, priest-ridden Brazil (WATTS, 2001b, p. 166).

Antes de se tornar presidente da República, Prudente de Moraes foi governador da província de São Paulo e convidou Martha, junto com o educador Caetano de Campos, para implantar a reforma educacional no estado, atuando na direção da escola normal que formaria as futuras professoras do ensino público em expansão. Como Martha não aceitou o convite, a escolha acabou recaindo sobre duas outras professoras da escola presbiteriana de Campinas: Ms. Marcia Browne, norte-americana, e Maria Guilhermina de Andrade, uma brasileira que havia sido educada nos EUA. Durante muito tempo, esta influência da educação protestante e do trabalho de Martha Watts foi apontada como modelo utilizado para a implantação do sistema público de educação no estado de São Paulo⁴.

Desde os anos 1880, várias políticas educacionais vinham sendo implantadas no Brasil sobre a educação feminina e eram inspiradas em idéias positivistas e cientificistas em voga. Procuravam alcançar as mulheres de elite e das classes populares. Idéias sobre educação feminina eram múltiplas e tanto refletiam como estabeleciam relações permeadas pelas divisões de gênero, classe, etnia e poder da sociedade brasileira do período. Estabeleciam hierarquias e proximidades e, de um modo geral, pensavam a educação feminina como parte da função materna: enfatizavam a educação para a formação do caráter feminino das futuras mães da nação. O papel primordial que deveria ser desempenhado pelas mulheres, como educadoras das gerações futuras, era o de pilar doméstico e sua instrução era um complemento à função social de educadora dos filhos.

Contudo, este período foi também o da profissionalização das mulheres como professoras, estabelecendo um novo jogo de representações das funções femininas. O trabalho profissional como professora, uma atividade remunerada feminina, sempre conservou um caráter vocacional, de missão marcada pela abnegação e dedicação: a docência seria uma extensão da maternidade espiritual exercida sobre os alunos e alunas (ver LOURO, 1997, p. 442-451).

Pensando em educação e emancipação: em busca da evangelização

Na lista dos primeiros alunos do Colégio Piracicabano dirigido por Martha Watts destacam-se os nomes de membros das mais importantes famílias republicanas de Piracicaba e arredores e que tiveram projeção política nas décadas subseqüentes. Alguns de seus ex-alunos foram futuros líderes políticos da Nova República. Também havia alunos que eram filhos de famílias de emigrantes norte-americanos chegados ao Brasil após a Guerra Civil e que se haviam radicado nas cidades de Santa Bárbara D'Oeste e Americana⁵.

⁴ Citado por Barbosa (2005, p. 108). Várias cartas de Martha Watts reforçam este aspecto da forte influência do modelo pedagógico.

⁵ Sobre a imigração americana para o Brasil ao final do século XIX, ver Dawsey & Dawsey, 1995.

É interessante destacar o montante de dinheiro investido pela *Woman's Missionary Division of the Methodist Episcopal Church*. Somente para o Colégio em Piracicaba, em 1881, foram enviados USD\$ 7.500,00 enquanto o governo da Província de São Paulo investia o equivalente a USD\$ 219.700 em todas as 650 escolas públicas com cerca de 20 mil alunos. Entre 1881 e 1885, além dos valores do financiamento americano de USD\$ 45.850, os alunos que pertenciam a uma elite em ampla ascensão social, política e cultural pagavam o equivalente a USD\$ 33.605 em taxas escolares (ELIAS, 2001, p. 61, citando MESQUITA, 1994, p. 177).

A retórica empregada por Martha Watts e dirigida ao *Woman's Missionary Board* alternava o aspecto missionário de sua atuação para combater os erros do catolicismo, a necessidade de emancipar e educar as mulheres brasileiras, prepará-las por meio da educação para a emancipação e independência financeira e religiosa que permitisse o acesso ao verdadeiro evangelho cristão das missionárias. No que se refere à situação das mulheres brasileiras, em nada diferia da das mulheres que vivam em regiões pagãs da Ásia, África e de todo o Extremo Oriente:

A gentlemen said to me, not long since, that "fifteen years ago woman did not exist in Brazil"; of course he meant her social position was such that she was not recognized. Another gentlemen said he had noticed that wherever the Gospel went the condition of woman was elevated. [...] I have lately read a little book about de zenana life in India, and was struck by the similarity in some of the customs to those of Brazil – for instance, the men have their apartment and the women have theirs, the former sometimes going to talk with the women, but the latter never presuming to seek the presence of their lords and masters; the men eating alone, and the modes of arranging marriages, etc. (WATTS, 2001d, p. 214).

Além disto, Martha procurava enfatizar a necessidade de novas missionárias que pudessem vir ao Brasil:

[...] He may put into the hearts of some to come out to help me. [...] Brazil needs many schools, Come, sisters, and help me, and learn the language, and as the Lord

opens the doors to us. let us enter and take possession in his name (WATTS, 2001e, p. 201).

A imprensa da época destacava o sistema pedagógico implantado no Colégio, considerado incomum para a época. Além da ênfase nas disciplinas científicas (álgebra, aritmética, física, química, biologia, anatomia, literatura e línguas francesas e inglesas, artes plásticas, geografia, história geral e do Brasil), chamava a atenção o sistema de co-educação e o uso de material prático e de laboratórios para os alunos em todas as séries: o laboratório de "physica", o laboratório de "chimica", o pequeno museu, eram inovações que foram identificadas com a modernização, a industrialização e tecnologias básicas para o progresso da Nova República.

Desde o começo, o Colégio Piracicabano contou com a presença de Jeanne Marie Renotte. Amiga de Martha Watts desde sua chegada ao Brasil, dividiram o mesmo quarto por anos. Marie Renotte nasceu em 1852, na Bélgica. Formou-se professora em Paris e mudou-se para o Brasil aos 26 anos. Em 1882 era professora de Ciências no Colégio Piracicabano. Durante o período em que viveu e ensinou em Piracicaba, ela escreveu sobre direitos das mulheres, sufrágio, emancipação e educação para as jovens que procuravam liberdade e emancipação. Esses artigos foram publicados em diferentes jornais como a *Gazeta de Piracicaba* e *O Piracicabano*⁶. Martha Watts, no relatório sobre os exames finais das alunas em 1884, escreveu o seguinte sobre Marie Renotte:

Mlle. Renotte made a few observations about the emancipation of women, commencing with some remarks in the beginning as to the necessity of "liberty" in all physical laws, and making her idea of the liberty of women the climax. With many women at home the cry is "suffrage", but here the need is "freedom" (WATTS, 2001d, p. 214).

⁶ No final da década de 1880, Marie Renotte foi estudar no *Woman's Medical College of Pennsylvania*, onde obteve sua graduação em Medicina. De volta ao Brasil em 1895, foi trabalhar na Maternidade de São Paulo e na Santa Casa de Misericórdia. Iniciou uma seção da Cruz Vermelha (DE LUCA & DE LUCA, 2003, p. 703-725).

Contudo, tanto Martha Watts quanto as outras educadoras missionárias metodistas, durante todos os anos em que estiveram no Brasil dirigindo escolas e apontando novos sentidos de identidade de gênero e profissional para as mulheres brasileiras, preocupavam-se em formar as moças dentro da cultura cristã protestante. Desta forma, apelava aos grupos missionários para a necessidade de investir também na educação de meninos:

[...] if only the girls are educated under the Gospel, what can we hope for them when they are given in marriage to fanatical and skeptical men? [...] We want more missionaries; is the Church furnishing them? (WATTS, 2001f, p. 214).

Entre 26 e 28 de dezembro de 1888, aconteceu no Colégio Piracicabano um encontro entre as educadoras representantes do *Woman's Board of Missions in Brazil* – Martha W. Watts, Mary W. Bruce, Mattie B. Jones e Ella W. Granbery – além dos Revs. H. C. Tucker e M. Dickie, para discutir as experiências das diferentes escolas em funcionamento em outros estados brasileiros e também apresentar projetos de expansão da rede de escolas metodistas.

Nas atas da reunião destacam-se os aspectos religiosos da luta pelas almas perdidas sob o domínio da Igreja Católica considerada

[...] o Anticristo, devendo ser combatido a partir dos mesmos princípios e com a mesma determinação inflexível demonstrada no ataque às idolatrias de menor sutileza, mas não de menor realidade, que se encontram nas Índias e na China. [...] e nos mantemos firmes em protesto a ela (Igreja Católica) por haver se tornado um instrumento de iniquidade, e blasfemadora contra o Santo Espírito, e um dos inimigos mais sutis e perigosos à religião pura de Cristo e à evangelização do mundo (*Woman's Missionary Advocate*, 1889, p. 52-54).

Educação e emancipação eram exigências fundamentais para a implantação da fé, abrindo os caminhos para a pregação do Evangelho: somente pessoas instruídas e esclarecidas, com grandes habilidades de compreensão de sentidos, de raciocínio lógico e coerente, habituadas à reflexão, po-

deriam abandonar a Igreja Católica e buscar a fé salvadora do protestantismo. Tal seria a missão das Igrejas protestantes americanas ao dar suporte e apoio ao trabalho das missionárias. Segundo o relatório da 7ª Conferência Anual Missionária realizada no Brasil, em Juiz de Fora, de 11 a 16 de agosto de 1892, e presidida pelo bispo A. W. Wilson, não deveria haver dúvidas quanto ao papel missionário:

Deus chamou alguns americanos, filhos e filhas, para ajudar nações européias na evangelização da África, China, Índia e Japão, mas nunca chamou europeus para evangelizar a América do Sul e do Centro. [...] Se é dever dos Estados Unidos evangelizar a América, será que estamos cumprindo com nossa obrigação? (*Annual Report*, 1893, p. 83).

O compromisso era levar a luz do Evangelho aos que viviam na escuridão e desenvolver o caráter físico, intelectual e religioso nos alunos. A educação deveria abranger conhecimento, técnicas pedagógicas eficientes que auxiliassem tanto no aprimoramento intelectual como no conhecimento bíblico.

Todos os alunos e alunas destas escolas, fossem convertidos ou não, participavam dos estudos bíblicos, cantavam o hinário evangélico e conviviam com os exemplos de caráter, cultura, amor e qualidade das missionárias e educadoras protestantes. Se os sucessos alcançados nas conversões eram pequenos, o investimento financeiro nas escolas ainda valia a pena, pois se o

Collegio Piracicabano did not convert all of its pupils, not because the children would not, but because the parents said "No"; but it certainly has done a great thing for the girls of that town. [...] I felt keen disappointment that more of them were not Protestant Christians. I prayed fervently at the beginning that I might have all of the souls that came to me; and so I shall not lose hope, but am going to wait for that glad day on the other shore to see how many of them let Him save them (WATTS, 2001g, p. 270).

A religião seria, então, a inspiração para o trabalho dessas missionárias; a crença religiosa mantinha o forte idealismo da caridade, santificando tanto quem ajudava a causa por meio das doações como

aquelas que recebiam esses fundos para realizar suas missões, no caso de Martha Watts, entre outras, como missionárias e educadoras cristãs.

Também através dos alardeados sucessos e dos esforços apresentados, as missionárias procuravam demonstrar a efetividade do trabalho organizado das mulheres: as missionárias bem preparadas intelectualmente e inteiramente dedicadas à causa da expansão do cristianismo por meio da educação, procuravam garantir seu espaço na esfera pública como solteiras, sozinhas, cheias de objetivos, ação e trabalho.

Contudo, um exame sobre o surgimento, organização e trabalho das mulheres nas comunidades religiosas revela relações complicadas e ambivalentes de subordinação e autodeterminação com suas instituições religiosas. Na conferência realizada de 26 a 28 de dezembro de 1888, entre as educadoras representantes do *Woman's Board of Missions in Brazil* – Martha W. Watts, Mary W. Bruce, Mattie B. Jones e Ella W. Granbery “todas as atas destacam a presença dos Revs. H.C. Tucker e M. Dickie e o papel que desempenharam nos cultos e nas discussões, presidindo e referendando as decisões das missionárias:

Os atos devocionais foram conduzidos pelo irmão M. Dickie, com leituras impressionantes do grande apóstolo missionário, e orações para santificação renovada e continuada.

Na condição de missionária mais antiga no campo, Martha Watts foi solicitada a assumir a presidência temporária, e a reunião foi organizada. O Ir. H. C. Tucker foi escolhido para presidir as reuniões e Miss Jones foi eleita secretária (*Woman's Missionary Advocate*, 1889, p. 50).

Se o objetivo era a evangelização, sendo a educação a peça-chave deste processo, havia a preocupação com a formação evangélica das professoras. A falta de docentes comprometidas com a fé atrapalhava esse propósito. Era um duplo problema: a necessidade de professoras com nível destacado em suas especialidades e com compromisso evangélico missionário, dedicado, abnegado.

O período de implantação das escolas protestantes no Brasil coincidiu com a expansão da rede pública de ensino. O Estado Republicano laico investiu no aumento das escolas públicas, na forma-

ção de professores e na criação das escolas normais que qualificassem docentes para atender a rede em crescimento. Isso sem contar o forte investimento da Igreja Católica na área educacional. A separação entre a Igreja Católica e o Estado Republicano no período acarretou uma contra-ofensiva católica significativa com uma forte expansão das escolas católicas para homens e mulheres. Fez parte da estratégia de manutenção do poder católico a ampliação da rede de escolas por todo o Brasil, principalmente nos centros urbanos em expansão⁷.

Sem dúvida alguma, os projetos educacionais protestantes no período tiveram que enfrentar muitas dificuldades. Não só o crescimento da rede pública e laica de ensino atraía os melhores professores e alunos como as escolas católicas para rapazes e moças cresciam numérica e qualitativamente. A expressão cristão/cristã continuava a ter como referência o catolicismo. A cultura católica prevalecia e, além de outros problemas, parecia ser uma forte barreira para a expansão protestante.

Contudo, em vez de ser motivo de desesperança ou abandono da atividade missionária, este aspecto era ressaltado como ponto a ser trabalhado: o catolicismo seria superficial, mero compromisso social e, com esforço e convicção, poderia ser vencido pela evangelização. Embora o catolicismo, o Anti-Cristo, tivesse presença muito mais forte entre as mulheres do que entre os homens, a tradição católica mantinha-se como parte integrante da cultura. Contudo, destacava Martha, não era uma fé arraigada em mentes e corações: era um catolicismo de aparências sociais e superficial, resultado de quinhentos anos de privilégios religiosos, da fé supersticiosa propagada por padres ignorantes. Ela cita alguns depoimentos colhidos em seus anos de trabalho no Brasil para reforçar esta tese:

[...] “O, I’m a Catholic: of course I’m a Catholic, because my parents were; but I don’t believe any of those things” – this shutting the door of the Gospel in his own face. It made me so sad, but I shall not give him up. He has a nice little daughter in our school, whom he comes

⁷ Sobre a reação católica, ver Caes, 1995, e também Caes, 2002.

to see often, and so I shall have other opportunities to talk with him. Another one, who is a mason, declared that he did not believe in Catholicism, nor did he follow the teachings of the Church. Then I asked him why he did not show the errors to others, as it was his duty to do, and he said: "No, indeed; I can't meddle with other people" (WATTS, 2001h, p. 254).

Havia que destacar aos comitês internacionais responsáveis pela manutenção financeira das escolas protestantes, o extremo zelo e dedicação missionários, o sentimento religioso de que as escolas e as missionárias realizavam um trabalho mais abrangente no campo da fé: a obra de ensinar a ler, escrever, pensar, adquirir conhecimentos e cultura letrada estava associada com a pregação; a preocupação principal era levar a Bíblia aos alunos.

Do ponto de vista cristão protestante não havia diferença em termos de descrença religiosa entre os habitantes da Ásia e da África e os brasileiros católicos, pois a fé cristã havia sido deturpada pelos padres e pela Igreja Romana. Os investimentos em dinheiro, tempo e missão eram importantes também no Brasil e em outros países católicos. Durante sua licença, no ano de 1901, nos EUA, Martha Watts leu cartas de missionárias em outras partes do mundo, mais precisamente de uma sobrinha que vivia como missionária nas Filipinas. Destacando dramaticamente as descrições de um funeral de uma pobre família filipina, Martha escreveu o seguinte comentário:

I have seen things similar to this in Brazil. Once I saw a number of men taking turns at carrying a body in a hammock to the grave, and once a dear little baby that was sent to the grave on a large waiter carried on the head of a colored boy, no friends accompanying it. Brazilians are not cruel or heartless and perhaps de Filipinos are not, but their religion is the same, and it does not teach that the body is the temple of the Holy Ghost, nor does it keep alive the blessed hope of the resurrection [...].

No doubt many of these people here and in Brazil are "feeling after God if haply they may find him", but they all need to be taught the truth as it is in Jesus.

I praise God that so many have seen the need of these people for the Gospel, and pray that many more may feel

the necessity for giving their money to send those who can go to these needy mission fields (WATTS, 2001i, p. 272).

Contar e enaltecer cada conversão ajudava a manter a fé e legitimava a missão mesmo diante do pequeno número de convertidos. Há um gênero narrativo peculiar nas cartas, testemunhos, relatórios, artigos de jornais sobre o trabalho missionário. Para manter os doadores e manter a moral diante das vicissitudes, precisavam mostrar algum progresso, aumento de influência religiosa e esperança num futuro de salvação.

Neste caso, o gênero literário das cartas, artigos e testemunhos sobre missões, que relatam os esforços e as esperanças no futuro vindouro de conversão e salvação das almas, é tanto uma arte de dizer como uma arte de fazer; suas construções formam um campo de operação dentro do qual se produzem procedimentos e táticas que, de formas sutis, revelam as astúcias entre as histórias vividas e as histórias narradas. Assim, todos os relatos dessas missionárias revelam os gestos entre um lugar e tempo e as próprias narradoras numa maneira peculiar de saber, manipular, arranjar e colocar uma idéia (DE CERTEAU, 1999, p. 152-165).

Professoras, missionárias e solteiras: do zelo religioso aos novos papéis de gênero

No Brasil como em outros países, uma das primeiras formas de reconhecimento profissional e inserção pública oficial das mulheres no mercado de trabalho do final do século XIX e inícios do XX foi como professora (PRIMITIVO, 1940, p. 475, apud LOURO, 1997, p. 453).

No Brasil deste período, assim como nos Estados Unidos e na Europa, cresceu o número de mulheres de diferentes classes e origens sociais e culturais que buscavam uma forma de independência financeira que garantisse sua sobrevivência após a morte dos pais e a independência dos compromissos matrimoniais. O trabalho de professora foi uma grande alternativa.

Ao mesmo tempo, porém, eram vistas como mulheres que possuíam determinado nível de instrução, ganhavam seu próprio sustento e, como consequência, usufruíam de prerrogativas masculinas

na esfera pública, de poder, mando e autonomia com relação a seu próprio destino. Dedicadas integralmente ao magistério, afastadas de afazeres e rotinas domésticas bem como de relações afetivas, espelhavam certo ideal de pureza, castidade e virtuosidades femininas que garantiam a moralidade necessária para existir de forma independente.

Este processo alterou os papéis de gênero feminino de maneira bastante significativa. Belle Harris Bennett (1852-1922), influente educadora metodista e líder de esforços missionários norte-americanos, era um modelo de personalidade totalmente integrada no cristianismo evangélico missionário e com profundo comprometimento com a ação social e compreensão do Evangelho. Segundo suas próprias palavras:

[...] *I never married, never had children of the flesh, but God has given me many spiritual children* (*The Missionary Voice*, 1922, p. 308; STAPLETON, 1983, p. 131-142)⁸.

Há que destacar também que, para as educadoras missionárias, trabalhos de natureza filantrópica, mesmo que envolvendo fundos razoáveis, como era o caso do *Women's Board of Missions*, eram considerados femininos. Todas as denominações religiosas deste período dependiam do trabalho dessas mulheres.

As educadoras e missionárias americanas solteiras que chegaram reforçavam essa representação e, em alguns casos, de fato, viam o casamento e todos os compromissos de uma mulher casada como um fardo, uma barreira para a carreira intelectual feminina e, no caso das educadoras protestantes, um empecilho para a dedicação em tempo integral ao trabalho missionário em terras distantes:

[...] *though at an early age she may take upon herself the burden (?) of a husband and the responsibilities of society. However, we have some girls who are making very good progress, and who would, I think, take a good place in any school* (WATTS, 2001j, p. 221).

O trabalho das missionárias floresceu não apenas por conta de convicções espirituais, que eram

importantes, mas porque encontravam imensa satisfação e realização pessoal com seus esforços, trabalho, contatos sociais e liberdade. Foram fundamentais para a atividade de conversão e pregação, fizeram parte deste jogo de representações dos papéis de gênero feminino no final do século XIX e inícios do XX.

Para muitas dessas mulheres, um trabalho missionário em outros países, distantes e exóticos, podia ser visto como um desafio acrescido de deveres religiosos, uma satisfação pessoal e um comprometimento especial com a fé. Educação, oração, pregação e missionarismo integravam a sua identidade e garantiam valores morais, regras de conduta e respeitabilidade em lugares distantes e longe de suas comunidades de origem. Sendo estrangeiras, habitando em espaços culturais distintos como americanas protestantes solteiras, as “*misses*” tinham um *status* diferente das brasileiras.

Como “outras”, com suas especificidades e comportamentos, suas “esquisitices” diante da cultura patriarcal brasileira, como estrangeiras, vivendo de forma independente, longe da família e sem compromissos matrimoniais, em suma, independentes e afastadas de todos os referenciais que garantiam a feminilidade, eram passíveis de novas leituras e de uma inserção social diferente. Evidentemente, o aporte financeiro vindo das *Boards of Missions* também lhes garantia uma situação privilegiada como profissionais e permitia que criassem espaços diferenciados de trabalho.

Quanto ao impacto e influência que exerceram entre gerações de futuras estudantes brasileiras, alterando os papéis de gênero, e mesmo na conversão religiosa – que era o pressuposto básico de sua atuação missionária –, os resultados foram bem pouco significativos. Contudo, a existência do campo missionário como frente de atuação das mulheres missionárias americanas movidas por zelo religioso, convicção espiritual, busca por novos sentidos pessoais e profissionais para suas vidas, foi extremamente importante para a construção das futuras lutas por direitos civis, independência e emancipação em seus países de origem.

⁸ Ver também Vicinus, 1988, p. 6-9.

Perdendo o espaço e o lugar

Ao analisar a relação entre gênero, conservadorismo e o surgimento do fundamentalismo evangélico no período de 1880 a 1930, Betty A. De Berge escreveu que a importância de seu estudo residia precisamente no fato de demonstrar como os papéis de gênero femininos foram essenciais para a construção do discurso fundamentalista como teologia, religião e interpretação social e cultural (DE BERGE, 2000, p. 2-5; SILVA, 2006, p. 11-28).

Para De Berge, a retórica fundamentalista, já nas décadas iniciais, continha referências constantes a convenções e crenças baseadas nas relações sociais de gênero. Os evangélicos conservadores, em geral, e os fundamentalistas, em particular, percebiam e reagiam contra as rupturas na ideologia dominante de gênero e nos comportamentos sexuais e sociais. Assuntos relacionados com a identidade e comportamentos sexuais ocupavam um lugar central nos ensinamentos morais e religiosos evangélicos. Analisando as mudanças decorrentes da industrialização, urbanização, crescimento da burguesia e das classes médias na época vitoriana, a autora aponta as grandes modificações nos papéis sociais de gênero e que assumiram uma importância sem precedentes:

The gender ideology of the Victorian middle-class reflected this new heightened consciousness of gender distinction. Fundamentalism was, in part, an expression of widespread unease during a period in United States when many challenged in theory and practice this dominant middle-class gender ideology and set of social conventions (DE BERGE, 2000, p. 14).

Esta geração de mulheres, a nova mulher (*new women*), formada por operárias, ativistas dos direitos femininos, sufragistas, intelectuais, profissionais liberais, professoras, afetava as construções vitorianas de características e esferas separadas entre homens e mulheres.

Análises sobre as retóricas e as teologias fundamentalistas no início do século XX revelam referências freqüentes aos problemas que derivam das alterações nas representações relacionadas aos papéis sociais de gênero. Os protestantes evangé-

licos conservadores foram os primeiros a reagir contra o que consideravam uma erosão e ruptura da ideologia dominante masculina. Foi contra esta crise cultural dos papéis de gênero, a presença e atuação cada vez maior das mulheres no meio religioso e na sociedade, que o protestantismo conservador e o fundamentalismo evangélico emergiram com grande força.

Um caso exemplar foi o que aconteceu com o jornal *Our Homes* (1892-1910), publicação oficial de *The Woman's Home Mission Society* e que tinha por lema "*Women's work for women*". A Conferência Geral da Igreja Metodista (Sul) de 1910 decidiu pela unificação de todas as associações missionárias femininas que passaram a ser subordinadas a um comitê geral com apenas um terço de mulheres. O *Our Homes* desapareceu como jornal independente editado inteiramente pelas mulheres, tendo sido substituído, em 1911, pelo *The Missionary Voice*, com uma seção sobre as mulheres e as missões. Dirá uma das ex-editoras do jornal, Mary Helm (1856-1913):

We are in a helpless minority in a body where the membership is largely made of opposed to independence of thought in women. The women are now in the board and fill the secretarial offices [...].

I must be true to my convictions and in this matter self-respect and personal dignity required it. [...] I have no personal feelings against any of those who differed from me and do not intend to antagonize the present organization. [...] The foundations of the work torn down for which my sisters and myself gave so many years of our lives (Mary Helm to Nellie Somerville, 29 de agosto, 1910).

Referências

- AGNEW, Theodore L. Reflections on the Woman's Foreign Missionary Movement in Late 19th Century American Methodism. *Methodist History*, v. 28, n. 3, p. 3-16, May, 1986.
- AHLSTROM, Sydney. *A Religious History of the American People*. New Haven: Yale University Press, 1972.
- ANNUAL REPORT, 1893. In: BARBOSA, José C. *Lugar onde amigos se encontram; caminhos da educação metodista no Brasil*. São Bernardo do Campo: Cepeme, 2005.
- BARBOSA, José C. *Lugar onde amigos se encontram; caminhos da educação metodista no Brasil*. São Bernardo do Campo: Cepeme, 2005.

- BASS, Dorothy & Boyd, Sanora H. *Women in American Religious History: an annotated bibliography and guide to sources*. Boston: G. K. Hall, 1986.
- BASTIAN, Jean-Pierre. *Protestantes, liberais y francmasones; sociedades de ideas e modernidad en America Latina, siglo XIX*. México: Fondo de Cultura, 1990.
- BEAVER, R. Pierce. *American Protestant Women in World Mission: A History of the First Feminist Movement in North America*. Grand Rapids: Eerdmans, 1968.
- BEDNAROWSKY, Mary F. *American Religion; a cultural perspective*. New York: Prentice Hall, 1984.
- BENNETT, Christ-An. Women's Work: the role of women in Wesleyan Methodist overseas mission in the Nineteenth Century. In: *Methodist History*, v. 2, n. 4, p. 229-236, July 1994.
- BOWIE, F; Kirkwood, D; Ardener, S. (eds). *Women and missions: past and present*. Ann Arbor: Edwards Brothers, 1993.
- BOYLAN, Ann. Evangelical womanhood in the Nineteenth Century: the role of women in sunday schools. *Feminist Studies*, 4, p. 62-80, 1978.
- BROWN, Earl K. Women in Church history: stereotypes, archtypes and operational modalities. In: *Bangalore Theological Forum*, v. x, n. 2, p. 77-109, Jul.-Dec., 1978.
- BURTON, Antoinette (ed.). *Gender, sexuality and colonial modernities*. New York/London: Routledge, 1999.
- BUTLER, John. *Awash in a sea of faith: christianizing the American people*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- CAES, A. L. *As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política (1872-1916)*. Campinas: Unicamp, 2002. Tese de doutorado.
- _____. *Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: a família nas estratégias de reestruturação da igreja (1890-1934)*. Campinas: Unicamp, 1995. Tese de mestrado.
- DAWSEY, B. & DAWSEY, James M. *The Confederados: old South immigrants to Brazil*. Tucaloosa: Al.: The University of Alabama Press, 1995.
- CHAMBERS-SCHILLER, Lee. *Liberty, A better husband: single women in America; the generations of 1780-1840*. New Haven: Yale University Press, 1984.
- CLARK, Elizabeth B. *The politics of God and the woman's vote: religion in the American suffrage movement*. Princeton: Princeton University, 1989. Tese de doutorado.
- DAWSEY, James M. Annie Ayres Newman Ranson (1856-1880) and Methodism in Brazil. *Methodist History*, n. 33, Apr., 1995.
- DE BERGE, B. *Ungodly women: gender and the first wave of American fundamentalism*. Macon: Mercer University Press, 2000.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Campinas: Papyrus, 1999.
- DE LUCA, Leonora & DE LUCA, João Bosco Assis. Marie Renotte, educator and medical doctor: elements for a historical and biographical, social and medical study. *Hist. cienc. saude-Manguinhos (on-line)*, Mai./Ago., 2003, v. 10, n. 2. p. 703-725.
- DODSON, W. H. *History of Woman's Missionary Union of Austin Association*. Austin: Capital Printing Co., s.d.
- ELIAS, Beatriz Vicente. *Vieram e ensinaram: Colégio Piracicabano, 120 anos*. Piracicaba: Unimep, 2001.
- EPSTEIN, Barbara L. *The politics of domesticity: women, evangelism and temperance in Nineteenth-Century America*. Middletown: Wesleyan University Press, 1981.
- FIRST ANNUAL MEETING of Missionaires of W.B.M in Brazil. *Woman's Missionary Advocate*. v. IX, n. 11, May, 1889.
- FRENCH, John D. & JAMES, Daniel (ed.). *The gendered worlds of Latin American women workers: from household and factory to the Union Hall and Ballot Box*. Durban/London: Duke University Press, 1997.
- GIBSON, Maria L.; HASKIN, Sarah S. Nashville: Cokesbury Press, 1928.
- GIFFORD, Carolyn D. Sisterhood of Service and Reform: Organized Methodist Women in the late Nineteenth Century. An Essay on the State of the Research. *Methodist History*, v. 23, n. 2, Oct., p. 15-30, 1985.
- GINZBERG, Lori D. *Women and the work of benevolence: morality, politics and class in the Nineteenth-Century United States*. New Haven: Yale University Press, 1990.
- GREAVES, Richard. *Triumph over silence: women in Protestant history*. Connecticut: Greenwood Press, 1985.
- GUEIROS, D. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: UNB, 1990.
- HARDESTY, Nancy A. The best temperance organization in the land: Southern Methodists and the W.C.T.U. in Georgia. *Methodist History*, v. 28, n. 3, p. 187-194, Apr. 1990.
- HELLERSTEIN, Erna Olafson; HUME, Leslie Parker; OFFEN, Karen M. (eds.). *Victorian women: a documentary account of women's lives in Nineteenth-Century England, France and The Unites States*. Stanford: Stanford University Press, 1981.
- HELM, Lucinde & ALLEN, Emily. Reasons why we should help the home missions work. *Our Homes*, Apr., 1894.
- HILL, Patricia. *The world their household: the American's woman's foreign mission movement and cultural transformation, 1870-1920*. Ann Arbor: Universidade de Michigan, 1985.
- HUNT, Alma. *History of Woman's Missionary Union*. Nashville: Convention Press, 1964.
- JAYAWARDENA, Kumari. *The white woman's other burden: Western Women and South Asia during the British Rule*. New York/London: Routledge, 1995.
- KELLER, Rosemary. Women and the nature of ministry in The United Methodist Tradition. *Methodist History*, v. 23, n. 2, Oct., p. 99-114, 1985.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- Mary Helm to Nellie Somerville. 29 de agosto, 1910. Cambridge, Mass: Schlesinger Library, Radcliffe College.

- Sommerville-Hopworth Collection.
- MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora/São Paulo: EUFJF/Editeo, 1994.
- MAY, Henry. *Protestant Churches and Industrial America*. New York: Harper, 1969.
- McFADDEN, Margaret. The Ironies of Pentecost: Phoebe Palmer, World Evangelism and Female Networks. *Methodist History*, v. 31, n. 2, p. 63-75, Jan. 1993.
- McLOUGHLIN, William. *Revivals, awakenings and reform: an essay on religion and social change in America, 1607-1977*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978.
- MELTON, J. Gordon. *The Encyclopedia of American Religions*. Detroit: Gale Research, 1990.
- MITCHELL, Norma T. From social to radical feminism: a survey of emerging diversity in Methodist women's organizations (1869-1974). *Methodist History*, p. 21-44, Apr., 1975.
- MOSELEY, James. *A cultural history of religion in America*. Westport: Greenwood Press, 1981.
- NEWSOME, Jack. Lizzie, the missionary worker. *Methodist History*, v. 35, n. 3, p. 169-175, Apr. 1997.
- PRIMITIVO, Moacyr. *A instrução e as províncias - 1834-1889*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1940. v. 3. p. 475. In: LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- ROTHMAN, Sheila H. *Woman's proper place: a history of changing ideals and practices, 1870 to the present*. New York: Basic Books, 1978.
- RUETHER, R. & KELLER, C. Ed. *Women and religion in America*. New York: Harper & Row, 1986.
- SHADRON, Virginia A. *Out of our homes: the woman's rights movement in the Methodist Episcopal Church, South, 1890-1918*. BA, Eckerd College, 1976.
- SHARMA, Arvind (ed.). *Today's woman in world religions*. Albany: State University of New York Press, 1994.
- SMITH, S; Handy, R; Loetscher, L. A. *American Christianity*. New York: Scribners, 1960. 2 vols. (Documents Collection.)
- SINGH, Maina Chawla. *Gender, Religion and "Heathen Lands": American Missionary Women in South Asia (1860's-1940's)*. New York/London: Garland Publishing, 1999.
- SILVA, Eliane Moura. Gênero e religião: mulheres nos movimentos metafísicos e questões teóricas sobre lideranças femininas. *Mandrágora - Revista de Estudos de Gênero e Religião/Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina*, São Bernardo do Campo, Umesp, Ano 9, n. 10. p. 49-62. 2004.
- _____. Fundamentalismo religioso e questões de gênero: em busca de perguntas. In: SOUZA, Sandra Duarte (org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2006.
- STAPLETON, Carolyn. Belle Harris Bennett: Model of Holistic Christianity. *Methodist History*, n. 3, Apr., 1983.
- THE MISSIONARY HERALD, n. VI, v. LXIII, jun., 1867.
- TRIBUTES FROM DEACONESS and missionaries - selected from many. *The Missionary Voice*, n. 12, 1922.
- TUCKER, Ruth. *Guardians of the great comission: the story of women in modern missions*. Grand Rapids: Academic Books, 1988.
- VICINUS, Martha. *Independent women: work & community for single women, 1850-1920*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1988.
- WATTS, M. H. The Homeless Children of Rio de Janeiro, n. 11, May, 1881, p. 3-4. In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001a.
- _____. Brazil Mission, May, 1883. In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001b.
- _____. From Piracicaba. In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001c.
- _____. Letter from Miss Watts - the School at Piracicaba (Oct., 1884). In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001d.
- _____. The Brazil Mission (Nov., 1883). In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001e.
- _____. From Piracicaba - June, 1892. In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001f.
- _____. From Miss Watts - April, 1901. In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001g.
- _____. Petropolis - July, 1897. In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001h.
- _____. From Miss Watts - November, 1901. In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001i.
- _____. Piracicaba - November, 1887. In: MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilingüe)*. Piracicaba: Unimep, 2001j.
- WILLIAMS, Peter. *Popular religion in America: symbolic change and the modernization process in historical perspective*. Chicago: University of Illinois Press, 1989.